
A curadoria de acervos e conhecimentos como ativo estratégico na era da economia baseada em dados

Na Era da Nova Economia Baseada em Dados, o valor estará cada vez mais na organização de acervos das corporações, autores, correntes de pensamento e narrativas organizando as camadas semânticas e as ontológicas conceituais

Marcos Cordioli

Resumo

A economia de dados avança da captura para a interoperabilidade e, agora, para a curadoria: dar sentido, contexto e navegabilidade ao que foi capturado e conectado. O artigo argumenta que, quando tudo o que é digital puder virar dado, a organização de acervos de autores, correntes de pensamento, eventos e instituições, apoiada em camadas semânticas e ontologias, tornará a curadoria uma das funções intelectuais mais estratégicas da sociedade orientada por dados e uma nova atividade econômica. Examina ainda a infraestrutura técnica da curadoria, o papel dos acervos como memória institucional e o poder e o risco envolvidos na escolha do que é lembrado.

Palavras-chave: Curadoria de acervos. Economia de dados. Camada semântica. Ontologia. Grafos de conhecimento. Memória institucional.

Abstract

The data economy is moving from capture to interoperability and now to curation: giving meaning, context and navigability to what has been captured and connected. The article argues that, when everything digital can become data, the organization of collections of authors, schools of thought, events and institutions, supported by semantic layers and ontologies, will make curation one of the most strategic intellectual functions of the data-driven society and a new economic activity. It also examines the technical infrastructure of curation, the role of collections as institutional memory, and the power and risk involved in choosing what is remembered.

Keywords: Collection curation. Data economy. Semantic layer. Ontology. Knowledge graphs. Institutional memory.

Introdução

Todas as informações produzidas e disponibilizadas em formato digital serão, em algum momento, organizadas em Data Lakes — sejam dados convencionais de

sensores, sistemas e transações, sejam conteúdos fragmentados como textos, vídeos, áudios, comentários e apresentações. Este movimento resolve o problema da captura, mas abre um problema distinto e mais sofisticado: o de organizar, contextualizar e interpretar este volume crescente de conteúdo. A resposta técnica a esse desafio passa por uma camada semântica e uma ontologia que deem significado e relação aos dados brutos — sem elas, o Data Lake é apenas um repositório inerte. Este texto argumenta que, nesta nova economia, a curadoria de acervos deixará de ser uma atividade acessória e se tornará uma das funções intelectuais mais estratégicas da sociedade orientada por dados.

1 | Da produção à organização: o próximo estágio da economia de dados

A **primeira fase da economia de dados** foi dominada pela pergunta da captura: como produzir, registrar e armazenar volumes cada vez maiores de informação. Esta fase não está encerrada, mas já deixou de ser o principal gargalo. Eu tenho defendido que o passo seguinte, **uma segunda fase**, desta evolução é a interoperabilidade entre repositórios — a capacidade de conectar diferentes bases de dados para organizar cadeias produtivas, integrar informações temáticas e produzir conhecimento novo a partir da combinação de múltiplas fontes. Mas há um novo estágio, **a terceira fase**, menos discutido e talvez mais decisivo, que este texto pretende nomear: **o da curadoria dos dados e do conhecimento**. Não basta capturar o dado, nem basta conectá-lo a outros dados. É preciso alguém — ou alguma função organizada — capaz de dar sentido, contexto e navegabilidade ao que foi capturado e conectado. Em termos técnicos, esta função de dar sentido é, no fundo, a construção de uma camada ontológica sobre o dado bruto — um tema que este texto retomará em detalhe mais adiante, mas que já vale anunciar aqui: sem ontologia, captura e interoperabilidade produzem volume, não compreensão.

Esta sequência — captura, interoperabilidade, curadoria — não deve ser lida como uma linha do tempo rígida, na qual uma etapa se encerra antes que a seguinte comece. As três operam, na prática, de forma simultânea e desigual conforme o setor e a organização. Mas há uma progressão de maturidade real por trás dela: organizações que ainda lutam para capturar seus próprios dados dificilmente têm condição de investir em curadoria sofisticada, do mesmo modo que uma cidade sem rede de abastecimento não discute qualidade da água antes de resolver a distribuição.

2 | Tudo o que é digital pode se tornar dado

Todas as informações produzidas e disponibilizadas serão, cada vez mais rapidamente, organizadas em Data Lakes. Sejam dados convencionais — provenientes de dispositivos IoT, sistemas de CRM, transações financeiras, processos operacionais das empresas — sejam publicações em formato de texto, vídeo e áudio, tudo poderá ser estruturado como dado. Mesmo conteúdos fragmentados, como comentários em redes sociais, posts, entrevistas, fluxogramas, organogramas e apresentações, poderão ser incorporados a estes grandes repositórios. Em outras palavras, tudo aquilo que for convertido em formato digital poderá, em algum momento, tornar-se dado organizável.

Esta ampliação do que conta como dado altera a natureza do próprio Data Lake. Ele deixa de ser apenas um reservatório de registros operacionais — transações, sensores, logs — e passa a incorporar também a produção intelectual, cultural e discursiva de pessoas, instituições e eventos. Um Data Lake, neste sentido ampliado, não armazena apenas o que uma organização faz, mas também o que uma pessoa ou uma instituição pensa, escreve, argumenta e defende ao longo do tempo. Esta é uma mudança de escopo silenciosa, mas de consequências profundas: o dado deixa de ser apenas rastro de comportamento e passa a ser também registro de pensamento.

Esta transição já é visível em domínios distintos. Empresas jurídicas transformam décadas de pareceres, sentenças e contratos em bases pesquisáveis por tese jurídica, não apenas por processo. Instituições de saúde transformam prontuários, artigos científicos e protocolos clínicos em acervos cruzáveis por sintoma, tratamento e evidência. Emissoras e produtoras de conteúdo transformam décadas de programação em bases pesquisáveis por tema, não apenas por data de exibição. Em cada um destes domínios, o mesmo movimento se repete: material que antes existia disperso, em formatos incompatíveis e de difícil busca, passa a existir como acervo estruturado, capaz de responder a perguntas que ninguém tinha condição de formular quando o material ainda estava fragmentado.

3 | **Dos repositórios à interoperabilidade: dar contexto ao dado**

Os dados serão organizados em Data Lakes — isto é, grandes reservatórios de informações tratadas, catalogadas e disponibilizadas para as organizações. Independentemente da origem, os dados serão reunidos sempre dentro de uma perspectiva de contexto. O objetivo deixará de ser apenas responder ao “o quê” e passará a compreender o “por quê”. Um registro isolado — uma transação, uma frase, uma citação — tem valor limitado fora de seu contexto de produção. É a reunião contextualizada destes registros que permite compreender comportamentos de consumidores, movimentos financeiros, decisões políticas e governamentais, transformações culturais e inúmeras outras dimensões da atividade humana.

Este deslocamento do “o quê” para o “por quê” é, em essência, um deslocamento da informação para o conhecimento — a mesma transição discutida em textos anteriores sobre a arquitetura rizomática dos ecossistemas de dados. Mas há uma diferença relevante: enquanto a interoperabilidade técnica conecta bases de dados estruturados segundo protocolos comuns, a curadoria de acervos conecta produção intelectual segundo critérios interpretativos — critérios que, quando explicitados e sistematizados, se tornam propriamente uma ontologia: um vocabulário controlado de conceitos, relações e regras que define como o acervo compreende a si mesmo — o que exige um tipo de trabalho menos automatizável, mais próximo da pesquisa e da crítica do que da engenharia de dados.

4 | **O nascimento do curador de acervos de dados**

As falas, os processos, as teorias, os conceitos e as ideias estarão organizados nestes grandes reservatórios de dados. É neste cenário que surgirá — e já começa a surgir — uma nova função: a do curador de acervos de dados. Não se trata de um bibliotecário digital, no sentido tradicional do termo, nem de um simples administrador de

metadados. Trata-se de um serviço profissional híbrido, capaz de combinar competência técnica em organização de dados com profundidade interpretativa sobre o conteúdo que está sendo organizado. Na prática, boa parte deste trabalho interpretativo se traduz na construção de uma ontologia do acervo: a definição explícita das entidades, conceitos e relações que estruturam aquele corpo de conhecimento, e de como eles se conectam entre si.

A produção de informação continuará importante. Mas o valor decisivo desta economia estará em quem souber organizá-la, contextualizá-la e torná-la navegável.

Este serviço profissional será responsável por reunir e organizar toda a produção intelectual de um teólogo, de um músico, de um escritor, de um polemista, de um político, de um empresário ou de um professor. Livros, artigos, entrevistas, palestras, vídeos, podcasts, debates, aulas, manifestações em redes sociais e demais produções passarão a integrar um único acervo, estruturado e pesquisável — não como uma simples coletânea cronológica, mas como um corpo de pensamento organizado por temas, por evolução conceitual e por relações internas de coerência ou contradição.

A analogia mais próxima, ainda que imperfeita, é a do arquivista clássico — aquele serviço profissional responsável por organizar o espólio documental de uma instituição ou de uma figura histórica. A diferença é de escala e de método: o curador de acervos de dados opera sobre volumes que nenhum arquivista humano conseguiria processar manualmente, e recorre a ferramentas de busca semântica e classificação assistida por inteligência artificial para tornar tratável aquilo que, em volume bruto, seria intratável. Mas a decisão sobre o que é relevante, sobre como organizar categorias e sobre que relações merecem destaque continua sendo, no fundo, uma decisão intelectual, não apenas técnica.

5 | **Curadoria por autor: a obra de uma vida em um único acervo**

Imagine, por exemplo, um intelectual que publica artigos em revistas científicas, escreve livros, mantém um podcast, participa de outros programas, concede entrevistas e integra mesas de debate ao longo de décadas. Toda esta produção, hoje dispersa entre editoras, plataformas de streaming, arquivos de emissoras e perfis em redes sociais, poderá ser reunida em um único acervo inteligente. Qualquer pessoa poderá consultá-lo para compreender como determinado conceito evoluiu no pensamento deste autor ao longo dos anos, identificar mudanças de posição, contradições aparentes ou coerências profundas que só se tornam visíveis quando toda a obra é vista em conjunto.

Este tipo de curadoria transforma a relação entre autor e público. Hoje, entender o pensamento de um autor exige que o leitor reconstrua, por conta própria e de memória, décadas de produção dispersa. Com a curadoria do acervo, esta reconstrução deixa de depender da memória do leitor e passa a ser uma função de pesquisa: perguntar ao acervo, não apenas ler um livro isolado. Isso vale tanto para intelectuais vivos, que podem acompanhar e validar a curadoria de sua própria obra, quanto para acervos póstumos, nos quais a curadoria assume também uma responsabilidade editorial: decidir, entre milhares de fragmentos, o que efetivamente representa o pensamento do autor e o que foi declaração isolada, contextual ou retratada posteriormente.

6 | **Curadoria por corrente de pensamento: mapear ideias, não apenas autores**

A curadoria também poderá ser organizada por correntes de pensamento e por teorias, não apenas por indivíduos. Poderemos encontrar acervos dedicados à teoria da regulação econômica, ao liberalismo clássico, ao liberalismo neoclássico, ao neoliberalismo, às diversas correntes do marxismo, às diferentes vertentes do conservadorismo ou aos múltiplos significados de conceitos como direita, esquerda e centro. Cada um destes temas poderá contar com curadores responsáveis por organizar sua evolução histórica, seus fundamentos, seus principais autores, sua ontologia própria — os conceitos que a definem, as relações entre eles e suas divergências internas e suas transformações ao longo do tempo e dos diferentes contextos geográficos.

Este tipo de curadoria poderá assumir a função que a pesquisa acadêmica tradicional cumpre apenas parcialmente e de forma lenta: mapear, em tempo próximo ao real, como um conceito se desloca, se fragmenta em vertentes ou se ressignifica conforme muda de país, de época ou de interlocutor. Um acervo com curadoria por corrente de pensamento não substitui a pesquisa original, mas oferece a ela uma infraestrutura de navegação que hoje simplesmente não existe de forma sistematizada, dispersa como está em bibliografias, teses e compêndios que raramente dialogam entre si. Um estudante ou um jornalista que hoje precisa entender como o conceito de liberdade econômica se transformou entre a escola austríaca e o neoliberalismo dos anos 1990 depende de leitura extensa e dispersa; com um acervo com curadoria, esta mesma investigação poderia começar por uma consulta estruturada, que aponta autores, controvérsias e pontos de inflexão histórica antes mesmo de a leitura aprofundada começar¹.

7 | **Curadoria de eventos: a inteligência coletiva de um congresso**

O mesmo princípio se aplica a grandes eventos. Todos os conteúdos produzidos em um congresso, fórum ou conferência — painéis, palestras, debates, entrevistas de corredor registradas em vídeo, materiais de apoio — poderão ser integrados em um único acervo. O usuário poderá pesquisar tudo o que foi discutido sobre determinado conceito, tecnologia, setor econômico ou problema social, identificar convergências e divergências entre os participantes e, no futuro, comparar este acervo com os de outros eventos semelhantes, observando permanências, mudanças, similaridades e contrastes ao longo de sucessivas edições.

Um evento deixa de ser, neste cenário, um episódio que se esgota em si mesmo — três dias de painéis cujo conteúdo se dissolve na memória dos participantes — e passa a se tornar um ativo de conhecimento acumulável. Uma conferência realizada hoje pode ser comparada, cinco anos depois, com sua própria edição anterior, revelando com precisão empírica como um setor, uma tecnologia ou um debate público efetivamente evoluiu — algo que hoje só é possível de forma anedótica, dependente da memória seletiva de quem esteve presente. Organizadores de eventos recorrentes — fóruns

¹ Eu, pessoalmente, gastei três anos debruçado sobre este em minha pesquisa de mestrado.

setoriais, congressos científicos, conferências corporativas — passam a deter, sem necessariamente perceber, um dos acervos mais valiosos sobre a evolução de seu próprio setor, desde que decidam curá-lo em vez de deixá-lo dissolver-se em gravações dispersas e não catalogadas.

8 | **A infraestrutura técnica da curadoria: de arquivos a grafos de conhecimento**

A curadoria de acervos, por mais que dependa de julgamento interpretativo humano, não prescinde de infraestrutura técnica adequada — e esta infraestrutura já está em formação. Tecnologias de busca semântica permitem localizar conteúdo por significado, não apenas por palavra-chave exata, o que é indispensável para reunir décadas de produção que usaram vocabulários distintos para tratar de ideias equivalentes. Modelos de linguagem aplicados à recuperação de informação — a técnica hoje conhecida como geração aumentada por recuperação — permitem que um acervo com curadoria responda a perguntas em linguagem natural, citando as fontes exatas de onde a resposta foi extraída, em vez de apenas listar documentos relacionados.

Sobre esta camada de busca, constroem-se grafos de conhecimento: estruturas que representam não apenas os documentos de um acervo, mas as relações entre eles — quem cita quem, que conceito deriva de qual outro, que posição contradiz qual argumento anterior. É este grafo, mais do que o repositório de arquivos em si, que transforma um acervo em algo navegável e interpretável, permitindo ao usuário não apenas encontrar um documento, mas compreender seu lugar dentro de uma rede maior de ideias. A curadoria de acervos é, sob este ângulo, uma aplicação direta da arquitetura rizomática discutida por mim em textos específicos sobre a era da nova economia dos dados: cada documento é uma nascente, cada citação é um canal de conexão, e o acervo com curadoria é o Data Lake onde estes fluxos convergem e ganham profundidade interpretativa.

Vale precisar melhor o que esta camada semântica é, e o que ela não é. Uma camada ontológica não é um catálogo de dados — um catálogo apenas lista e descreve onde cada informação está armazenada. Uma camada ontológica transforma o conteúdo disperso do acervo em objetos, relações, propriedades e processos que representam a lógica interna daquilo que está sendo organizado: quem argumentou o quê, sobre qual conceito, em que momento, em diálogo ou em contradição com qual outra posição. É esta camada — e não o volume bruto de documentos armazenados — que permite que um acervo seja, de fato, interrogado como um corpo de conhecimento coerente, e não apenas consultado como um arquivo.²

² Entre 2013 e 2015 eu participei, quando exercia a função de presidente de fórum de secretários de cultura das capitais de um grupo de Ontologia da Cultura no MinC. O foco era justamente definir e atualizar a ontologia das políticas culturais no Brasil. Foi uma tarefa árdua que, infelizmente, não foi concluída.

9 | **Acervo como memória institucional: sucessão sem perda de conhecimento**

Há uma segunda aplicação da curadoria de acervos que ultrapassa o caso do autor individual e do evento: **a preservação da memória institucional das próprias organizações**. Boa parte do conhecimento que sustenta o funcionamento de uma empresa, de uma associação ou de uma instituição pública não está documentada em nenhum sistema — está concentrada em pessoas específicas, dispersa em e-mails, apresentações avulsas e conversas não registradas, e se perde, silenciosamente, a cada troca de gestão ou a cada ciclo de sucessão.

Uma camada semântica organizada sobre o acervo institucional muda esta equação. **A camada semântica permite que o conhecimento acumulado por uma organização — decisões, justificativas, aprendizados, divergências resolvidas — deixe de depender da memória individual de quem participou de cada processo e passe a existir como um ativo consultável, transferível entre equipes, gestores e gerações sucessivas**. Isto é particularmente relevante em momentos de transição de liderança: um conselho de administração, um sucessor familiar em uma empresa ou um novo gestor público herdam, neste modelo, não apenas cargos e responsabilidades, mas acesso estruturado ao raciocínio que produziu as decisões anteriores — reduzindo o custo de reaprendizado que hoje acompanha toda sucessão.

Iniciativas de organização de camadas semânticas corporativas já demonstram, em contextos de mercado, este princípio: conectar informações antes fragmentadas em uma representação única e navegável do conhecimento de uma organização. O objetivo destas iniciativas costuma ser operacional — dar às empresas uma visão integrada de seus próprios processos —, mas o princípio subjacente é o mesmo que sustenta a curadoria de acervos aqui discutida: o valor não está nos dados brutos, e sim na estrutura de significado e relações que os conecta. Vista sob este ângulo, a curadoria institucional não é apenas uma forma de preservar memória — é uma forma de garantir continuidade estratégica sem depender da permanência de indivíduos específicos.

10 | **Quem faz curadoria decide o que é lembrado: o poder e o risco da curadoria**

Toda curadoria é, inevitavelmente, um exercício de escolha. Selecionar o que entra em um acervo, como classificá-lo e quais relações destacar equivale a escolher, em alguma medida, o que será lembrado, o que será facilmente encontrado e o que permanecerá relativamente invisível. Esta responsabilidade não é nova — bibliotecários, editores e curadores de museus sempre exerceram funções análogas — mas a escala da curadoria de dados amplia consideravelmente seu alcance e sua opacidade potencial.

A ontologia de um acervo nunca é neutra: cada escolha sobre quais entidades e relações merecem existir formalmente na camada semântica é também uma escolha sobre o que será visível e o que permanecerá invisível. Um acervo com curadoria ruim ou com viés não declarado pode produzir a ilusão de neutralidade justamente por parecer tecnicamente organizado. Um sistema de busca semântica que privilegia

certas fontes, certos autores ou certas interpretações — por decisão deliberada ou por limitação dos dados de treinamento que o sustentam — molda silenciosamente o que seus usuários compreendem como o estado do debate. Por isso, a maturidade desta nova profissão dependerá da construção de práticas de transparência metodológica: tornar explícitos os critérios de seleção, permitir auditoria externa sobre os acervos mais influentes e cultivar pluralidade de curadorias concorrentes sobre um mesmo tema, em vez de aceitar uma curadoria única como fonte definitiva. Um acervo com curadoria é uma interpretação organizada, não um espelho neutro da realidade — e tratá-lo como se fosse o segundo é o principal risco desta atividade emergente.

11 | **Um novo horizonte de negócios: a curadoria como atividade econômica**

A curadoria de acervos não é apenas uma função intelectual — é também, e cada vez mais será, uma categoria de negócio. **Um primeiro segmento organiza-se em torno da curadoria de autor:** serviços especializados em reunir, digitalizar, organizar e licenciar o acervo de pensadores, artistas, líderes de opinião e executivos, transformando décadas de produção dispersa em ativo consultável e monetizável — por meio de licenciamento editorial, produtos educacionais ou plataformas de assinatura.

Um segundo segmento organiza-se em torno da curadoria temática e institucional: empresas especializadas em mapear correntes de pensamento, setores econômicos ou campos de conhecimento inteiros, oferecendo estes mapas como produto de inteligência para universidades, think tanks, empresas e corporações setoriais; consultorias e fundos de investimento que precisam compreender rapidamente o estado da arte de um debate.

Um terceiro segmento organiza-se em torno da curadoria de eventos, oferecendo aos organizadores de congressos e conferências a infraestrutura para transformar cada edição em um ativo de conhecimento acumulável, comparável e monetizável ao longo dos anos — não apenas como registro histórico, mas como produto de inteligência de mercado sobre a evolução de um setor.

Um quarto segmento organiza-se em torno da gestão de acervo das corporações: serviços especializados em estruturar a memória institucional de empresas, associações e órgãos públicos, reunindo decisões, justificativas, processos e conhecimento hoje disperso em e-mails, atas, apresentações e sistemas internos em um acervo consultável e transferível entre gestões. Este segmento combina consultoria de organização documental com construção de camadas ontológicas corporativas, entregando às organizações não apenas um repositório, mas uma representação estruturada de seu próprio raciocínio — reduzindo a perda de conhecimento em trocas de liderança e ciclos de sucessão, e sustentando a continuidade estratégica discutida na Seção IX.

Um quinto segmento, ainda incipiente, organiza-se em torno da curadoria automatizada — sistemas de inteligência artificial capazes de auxiliar, sem substituir integralmente, o trabalho interpretativo do curador humano: sugerindo conexões entre conteúdos, identificando contradições em um corpo de obra, ou propondo classificações temáticas preliminares que o curador humano valida e refina. É provável que o futuro desta atividade não seja definido pela substituição do curador por sistemas automatizados, mas por uma divisão de trabalho em que a máquina amplia o

alcance do curador sem eliminar o julgamento interpretativo que só a experiência humana ainda é capaz de oferecer com segurança.

Um sexto segmento, transversal aos anteriores, organiza-se em torno da certificação e auditoria de acervos — instituições independentes capazes de avaliar a qualidade metodológica e a pluralidade de uma curadoria, algo que tende a se tornar tão relevante, em determinados domínios, quanto a auditoria financeira é hoje para a credibilidade de uma organização.

12 | Considerações finais

Na economia dos dados, a produção de informação continuará sendo importante — mas deixará de ser, isoladamente, a principal fonte de vantagem competitiva. A verdadeira geração de valor estará, cada vez mais, na capacidade de organizar, contextualizar, relacionar e interpretar estes conteúdos — e, em última instância, na ontologia e na camada semântica que sustentam essa organização, tornando-a consultável e transferível ao longo do tempo. É exatamente neste ponto que a curadoria de acervos se tornará uma das atividades intelectuais mais estratégicas da sociedade orientada por dados.

Quando tudo o que é digital puder virar dado, a escassez deixará de estar na produção de conteúdo. Estará em quem souber curá-lo — e em quem souber fazê-lo com rigor e transparência.

Esta é, talvez, a inversão mais importante do tema que aqui tratamos: **em um mundo onde a produção de conteúdo se torna abundante e cada vez mais automatizada, a escassez relativa se desloca para a capacidade de organizar esta abundância em acervos coerentes, navegáveis e interpretáveis**. Produzir dado será, cada vez mais, uma commodity. A curadoria sobre o dado produzido — com competência técnica e responsabilidade intelectual — será, cada vez mais, o verdadeiro ofício estratégico da era que se inicia.

As organizações, os intelectuais, as instituições e as empresas de inovação que perceberem esta inversão com antecedência — e que investirem na curadoria de seus próprios acervos antes que terceiros o façam por elas, com critérios que não controlam — tendem a ocupar, também aqui, uma posição mais favorável nesta nova economia. Curar o próprio acervo não é apenas preservar memória: é reter, sobre a própria produção intelectual ou institucional, o mesmo tipo de soberania que os Consórcios de Dados buscam garantir aos produtores de dados em geral. A curadoria, vista sob este ângulo, não é uma atividade auxiliar da economia de dados — é uma de suas formas mais avançadas de exercício de soberania informacional.

Agradecimento

Gratidão a Emidio Trancoso Neto, que leu os originais deste artigo e apresentou sugestões valiosas, transformadas em insights para novos subtemas e contextos, tornando-se praticamente um coautor deste trabalho. Emidio, ao lado de Victor Dias, criadores da Apolus.AI, respondeu por meio de tecnologia funcional a muitas das questões que eu vinha formulando teoricamente em minhas reflexões sobre a nova economia baseada em dados.

Declaração sobre o uso de inteligência artificial

A inteligência artificial generativa foi utilizada como ferramenta de apoio à organização das informações fornecidas para este artigo. O uso ocorreu como auxílio ao trabalho intelectual, sem substituir a análise dos documentos e das fontes. A seleção e a interpretação das informações, assim como a revisão e a responsabilidade pela versão final do texto, cabem ao autor. Ao final, a IA foi utilizada para a correção ortográfica e semântica do texto e também para gerar o resumo e as palavras-chave.

Sobre o autor

Marcos Cordioli é consultor, empresário, pesquisador e palestrante brasileiro, mestre em Educação pela PUC-SP, com atuação nas áreas de educação, transformação digital, inovação, cidades inteligentes, economia de dados e inteligência artificial.

Foi Secretário de Inovação, Aceleração Econômica, Turismo e Comunicação de Maringá e Secretário de Cultura de Curitiba, além de Presidente da Fundação Cultural de Curitiba. Desde 2015, atua na modelagem de ecossistemas de inovação e startups, aproximando tecnologia, conhecimento, negócios e transformação institucional.

É cofounder da Aplus.ai, startup dedicada a transformar conhecimentos dispersos em ecossistemas de inteligência artificial, ampliando a capacidade de empresas e instituições de organizar, compartilhar e utilizar conhecimento como inteligência coletiva. É também vice-presidente da ACIM-Maringá.

Na área de tecnologia, pesquisa os processos econômicos e tecnológicos associados à economia de dados, estudando dados, conhecimento e inteligência artificial como elementos estruturantes da nova economia. Dedicar-se também ao estudo da transformação digital de cidades, com atenção ao uso sistêmico de IoT, dados, inteligência artificial, conectividade e plataformas digitais na construção de cidades inteligentes.

No campo da inteligência artificial, desenvolve duas frentes complementares. Na educação, conduz o projeto "Tecnologias de IA na Sala de Aula", dedicado às possibilidades de utilização da inteligência artificial nos processos de ensino e aprendizagem, na formação de educadores e na gestão educacional. Nas empresas e instituições, atua na área de educação corporativa, pesquisando a gestão de conteúdos e conhecimentos como base para a construção de inteligência coletiva e para o desenvolvimento de novas soluções apoiadas por IA.

Marcos Cordioli também possui trajetória acadêmica na área de educação, tendo atuado como professor em cursos de graduação, especialização e mestrado, além de pesquisador, palestrante e consultor. Participou de eventos, pesquisas e projetos educacionais em todos os estados brasileiros e em diferentes países.

Contato: marcos.cordioli@gmail.com | (41) 99682-9123 | LinkedIn: [linkedin.com/in/marcos-cordioli](https://www.linkedin.com/in/marcos-cordioli) | Instagram: [@marcoscordioli](https://www.instagram.com/marcoscordioli) | Linktree: linktr.ee/marcos.cordioli